

Fernanda Vieira de Souza da Cunha; Design de Moda; Unifebe.

Profa. Graziela Morelli; Mestre; Unifebe

Arte Conceitual em Hussein Chalayan

Resumo: O trabalho tem por objetivo refletir a respeito da moda conceitual tendo como base as criações e desfiles de Hussein Chalayan. O estudo se baseia em analisar historicamente a evolução estética que culminou em movimentos da arte contemporânea, em especial a arte conceitual, bem como traçar possíveis conexões entre a arte conceitual e a moda.

PALAVRAS-CHAVE: Evolução Estética. Arte Conceitual. Moda.

1 Introdução

“Hoje o espetáculo foi uma das raras ocasiões em que cada vez mais moda ainda tem o poder de surpreender, provocar, e enviar uma sensação visceral através de sua audiência”, comentou a jornalista Sarah Mower do site Style.com¹ sobre o trabalho do estilista britânico Hussein Chalayan. Mower (2009) faz um relato que suscita uma admiração emocionada, pois como é possível o estilista inspirar-se naquilo que ele mesmo produz? Ou estaria ele questionando a natureza da moda através daquilo que comumente se aceita como moda (a tradição parisiense da costura)? Chalayan vai além do espetáculo com o desfile apresentado em Paris, aparece com maestria entre o encantador e inquietador, demonstrando maturidade como profissional da moda ao mesmo tempo em que passeia por campos que vão além do entretenimento e comércio.

Trabalhos como o de Chalayan levantam questões em torno do universo da moda: Por que dentre tantos profissionais atuantes no cenário mundial, apenas uns poucos conseguem provocar sensações tão fortes com seu trabalho? Qual a diferença entre estas coleções de tantas outras existentes no mercado? A moda pode ter conexões com arte?

Partindo destas indagações este trabalho tem como objetivo refletir sobre a moda conceitual, tentando estabelecer conexões entre a arte conceitual e a moda, bem como pontuar sobre aspectos de uma coleção conceitual, amparando-se na bibliografia a respeito de arte e moda e em relatos da imprensa especializada.

Para refletir sobre este assunto este trabalho foi organizado da seguinte forma: primeiramente, localizou-se no tempo os movimentos da arte que culminaram na arte conceitual bem como procurou-se compreender sua representação no campo das artes, passando então para uma explanação dos conceitos da arte conceitual e questões relativas a moda, finalizando com uma reflexão sobre a idéia de moda conceitual, usando como exemplo o estilista Hussein Chalayan.

¹ Style.com é portal na internet da Revista Vogue Americana, que tem como principal editora a conceituada jornalista Sara Mower.

2 Transição Estética nos Movimentos Artísticos do Século XX

Observando toda a história da arte, vê-se que são diversos os movimentos que contribuem de alguma forma para um novo olhar da arte. O Impressionismo é descrito por Agra (2004) como um movimento artístico que cresce fruto do impacto causado pela revolução industrial. A fotografia e a máquina a vapor são tecnologias que os artistas têm acesso, e fica evidente sua repercussão nas obras. Em contrapartida, o expressionismo começa a inverter a equação: se a vanguarda anterior buscava as impressões da luz, este procurará a expressão do artista. Agra (2004) exemplifica o impressionismo como o movimento *de fora para dentro* e o expressionismo como *de dentro pra fora*.

A arte vai aos poucos se interessando pela materialidade do desenho e da pintura, assumindo uma atitude analítica diante da obra, ou do que se pretende representar. Neste processo, o Cubismo evolui para uma observação da estrutura por trás das aparências do visível, reduzindo-a a componentes fundamentais: os sólidos geométricos.

Rompendo os limites da bidimensionalidade, o cubismo se vale de colagens, decompõe a figura em fragmentos relativizando a perspectiva e tende a ser uma leitura da realidade, muito mais que uma interferência na materialidade da obra. A busca pela representação de todos os planos em uma única dimensão são as características que compõem a estética Cubista.

A arte moderna representa, segundo Cauquelin (2005), uma ruptura com um antigo sistema: o estado contemporâneo significa que esse sistema não é mais o sistema que prevaleceu até recentemente; ele é o produto de uma alteração de estrutura de tal ordem que não se pode mais julgar nem as obras nem a produção delas de acordo com o antigo sistema. Movimentos como Futurismo e Dada, passam a representar a vanguarda da arte moderna, e como dito anteriormente, não podem ser enquadrados no antigo sistema.

O futurismo acaba por se converter em uma proposta comportamental, onde importava não apenas “fazer” futurismo mas, sobretudo, “ser” futurista. As obras futuristas ganhavam força no manifesto e a estética do manifesto torna-se central no futurismo por uma série de conveniências: a linguagem telegráfica, a rapidez, a possibilidade de divulgação quase instantânea. O movimento passa a ser percebido com o auxílio das lentes das câmeras fotográficas e a obra produzida pelo futurismo exhibe os sinais da modernidade.

Entoados pela Primeira Guerra Mundial, nasce o Dada e, como Agra (2004) cita, a frase de Tristan Tzara é a melhor ilustração da proposta dadaísta: “Dada não é nada, isto é, tudo”. O Dadaísmo não formou uma estética específica, na verdade aparentemente demonstrava falta de sentido, o que era em essência um movimento contrário à guerra. Crescem com o dadaísmo o poema aleatório e o *readymade*², formas de apresentação que serão largamente utilizadas por movimentos futuros. O Dadaísmo foi um forte influenciador de movimentos posteriores, inclusive da “Pop Art”, e inaugurou estilos que se tornaram comuns posteriormente.

Na década de 1960, os artistas defendem uma arte popular (pop) que se comunique diretamente com o público por meio de signos e símbolos retirados do imaginário que cerca a cultura de massa e a vida cotidiana. A Arte Pop é vista como um movimento que recusa a separação arte/vida adotando, desta forma,

² Termo inventado por Duchamp para descrever os objetos fabricados em série que ele escolhia, comprava e, a seguir, designava como obra de arte.

representações das histórias em quadrinhos, da publicidade, das imagens televisivas e do cinema.

Anne Cauquelin (2005) explica que a sensibilidade artística na Pop Art pode ser definida como algo popular, transitório, consumível, de baixo custo, produzida em massa, e sob muitos aspectos um grande negócio. Caracteriza uma sociedade de consumo, com todas as suas máquinas inclusive a publicitária.

Os valores tradicionais da estética foram pouco a pouco sendo recusados e nenhuma regra é seguida ao pé da letra, uma mistura de diversos elementos e conceitos pode ser observada na arte contemporânea, fracionando-se em diversos grupos. A dissociação das questões de gosto, de belo e de único vão sendo adotadas por vários destes movimentos. Neste contexto é possível citar a Arte Conceitual entre outros movimentos.

3 A Arte Conceitual

A arte conceitual tem seu ponto de partida em Duchamp (1887-1968). A arte não é mais para ele uma questão de conteúdos (formas, cores, visões, interpretações da realidade, maneira ou estilo) mas de continente. Assim, Duchamp cria um campo inédito na arte, onde a ruptura com antigas referências é notória. Até este ponto o artista pinta, 'como' ou em 'oposição a', a partir deste momento Duchamp abandona a estética, renuncia ao estilo, à habilidade manual e se dedica à arte. Cauquelin (2005) define a arte conceitual como o divórcio definitivo entre a estética e a atividade artística. Para ela, a ação da arte é designar um objeto como arte e esta atividade faz a obra existir enquanto tal. Neste contexto reside o ponto de maior impacto da obra conceitual, em que qualquer material em qualquer suporte pode ser arte, feita à mão ou já existente, reconhecendo assim as proposições duchampianas.

Freire (2006) explica o movimento da arte conceitual como algo que opera na contramão dos princípios que norteiam uma obra de arte, desvencilhando a arte de uma materialidade sensível, caracterizada pela transitoriedade, reprodutibilidade, contextualização e apropriação. Segundo Freire (2006), a função intelectual é predominante na recepção. Com a arte conceitual, o artista como autor perde espaço para o contexto da obra, este sim sendo o criador, e conteúdos políticos, antropológicos e institucionais projetam os domínios da arte.

A arte conceitual pontua uma nova visão onde observar a arte não significa consumi-la passivamente, e define a arte como um encontro contínuo e reflexivo com o mundo em que a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age como iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado.

4 Moda Conceitual

Para analisar uma moda conceitual é necessário valer-se de experiências do campo das artes, e observar a forma inteligente com que as construções das imagens e da linguagem utilizada projetam a moda em questão.

Na moda conceitual, há um salto imaginativo em que a coleção apresentada não exerce, por exemplo, o princípio da funcionalidade, mas provoca no espectador uma reflexão, como propõe Hussein Chalayan, dando formas a idéias e não a moda.

Hussein Chalayan é um exemplo de estilista conceitual, pois mantém em seu trabalho relações bastante estreitas com a arte em questão, dando exemplos claros do rompimento com a tradição em suas coleções, e como descreve Seeling (2000)

não se preocupando com o passado, mas sim com a reflexão cultural, a análise da função do corpo em relação com a arquitetura, a ciência ou a natureza.

Para sua coleção de Primavera 2007, desfilada em Paris em outubro de 2006, Chalayan surpreendeu mais uma vez. Sua modelo entrava na passarela com um vestido longo com corselete estilo vitoriano; na sequência a roupa começava a se contorcer, mover e reconfigurar e, surpreendentemente, a modelo passava a vestir um vestido bordado com cristais bem ao estilo anos 20. Era agora uma mulher impelida através da moda, viajando na história a partir de 1895 em um espaço de 20 anos em apenas um minuto.

Esta foi apenas uma das seis incríveis proezas tecnológicas e conceituais apresentadas no desfile de Chalayan, uma performance garantida pela habilidade dos gênios tecnológicos que fizeram filmes como “O prisioneiro de Azkaban”³.



Figura 3. Desfile Chalayan 2007.

Assim, ao aliar tecnologia e design que não estavam obviamente colocadas por revistas de moda como tendências, Chalayan promoveu uma coleção extremamente inusitada, transformou o desfile em uma instalação onde a performance foi destacada, e elevou sua moda ao *status* de arte. Promovendo seu espectador, elevou-o a posição ativa de questionador da própria moda e das condições político-sociais da atualidade.

Outro ponto de acordo com a arte conceitual é o fato de a idéia ter mais valor que a funcionalidade das roupas, situação esta que Chalayan já usou inúmeras vezes em outras coleções. O inquestionável é que desfiles como esse provocam em todos o deslumbre necessário para abrir mais uma vez a discussão da relação entre arte e moda.

5 Considerações Finais

A evolução da arte levou a uma quebra de paradigmas, ao ponto que analisar arte contemporânea não pode ser feito pelos mesmos conceitos da arte tradicional.

³ Do diretor Alfonso Cuarón, terceiro filme da série Harry Potter.

A mudança de posições estéticas tornou-se clara, e artista, obra e espectador mudam no contexto final. Agora, o artista torna-se um manipulador de signos, mais que um produtor de objetos de arte, e o espectador, um ativo leitor de mensagens mais do que um contemplador estético ou consumidor de espetáculo.

Ao final, é possível notar algumas semelhanças entre a arte conceitual e moda conceitual, e que ambas são produto de uma evolução onde a estética é desprezada em prol das idéias. A experimentação e o uso de materiais inusitados é constantemente presente em ambos os trabalhos, a funcionalidade do projeto é trocada pela sua mensagem, e a quebra de antigos paradigmas é produzida à medida que criadores (estilista e artista) se aventuram pelo novo, negando modelos comerciais aceitos por todos.

Por fim, é possível notar que, mesmo usando de meios nada óbvios para apresentar sua coleção, negando formas, texturas e cores facilmente identificáveis do grande público, o estilista conceitual causa grande impacto ao trazer arte para a passarela, e assim recebe notoriedade para produzir as peças que serão vendidas comercialmente.

6 Referências:

AGRA, Lucio. **História da Arte do Século XX**. Idéias e Movimentos. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Cristina. **Arte Conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SEELING, Charlotte. **Moda: O Século dos estilistas: 1900-1999**. Portugal: Koneman, 2000.